Contos e Novelas Portuguesas do SÉC. XIX

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Trindade Coelho

ABYSSUM ABYSSUM

Nesse dia, os dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim eles tivessem uma coisa boa!... Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquelas terríveis palavras com que a mãe os intimidara, um dia que lhe apareceram em casa tarde e às más horas.

– Ouvistes? – ralhara-lhes a mãe. – Olhai se ouvistes! Se voltais ao rio, mato-vos com pancada! Andai lá...

Ih! como ela dissera aquilo, Mãe Santíssima! Colérica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas louras... Lembravam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquela ameaça terminante. E então, nesse dia, eles não tinham ido ao rio. Aos pássaros, sim... – lá estavam as calças rotas do Manuel a dizê-lo – ...aos pássaros é que eles tinham ido. Ao rio era bom! a mãe que o soubesse...

Ah, mas então não os deixassem dormir naquele quarto! Logo de manhã, mal abriam as janelas, a primeira coisa que viam era o rio, uma corrente muito lisa e esverdeada, serpeando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, de onde os rapazes se atiravam despidos, de cabeça para baixo, e então o barquinho branco do fidalgo, – lindo barquinho! – sempre à espera que o fidalgo o desamarrasse para passar à grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo que logo pela manhã assaltava os dois rapazes era o de irem por ali abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, meterem-se dentro do barco, desprendê-lo da praia e deixá-lo ir então para onde ele quisesse, contanto que fosse sempre para diante... Quando fechavam as janelas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo através da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu – «adeus até amanhã!» – àquele pequeno objecto que valia tesouros, que para os dois valia mais que tudo, tudo...

Ah! tivessem eles assim um barquinho, que não queriam mais nada...

– Mais nada?

– Isso não... mais alguma coisa. E a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas nessa manhã, bela manhã, na verdade! a mãe viera acordá-los mais cedo. Ia já pela aldeia um claro rumor de vida – gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado péssimo da rua, os patos da vizinhança que saíam em rancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em voos curtos, espantados da agressão acintosa dos rapazes. Havia mais de uma hora que ali perto se ouvia o retintim agudo do martelo do ferrador atarracando cravos na bigorna. Já o reitor passara para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E àquela hora onde iria já a missa! A última beata, encapuchada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhara na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpinteiro, no meio da rua, dava com valentia num carro cujo eixo ardera na véspera, e que era urgente compor, pelos modos. Até o Ernestinho do estanco abrira já a loja, e subira à varanda a regar os manjericos. Começos da labuta diária, enfim; os senhores sabem.

Pois como lhes disse, a mãe viera nessa manhã acordar mais cedo os dois pequenos.

– Fora, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro há que tempos, vem aí o sol, e os morgadinhos na cama! – E enquanto falava, ia-lhes abrindo as janelas. – Persignar e vestir, vamos! Calças... colete... os jaquetões... tomem!

E pôs-lhes tudo sobre a cama.

– Mãe, a bênção! – balbuciaram os dois, tontos de sono ainda.

– Deus os abençoe. Que Deus não abençoa mandriões, ouviram? Ora, eu já volto! Queira Deus que não vos encontre cá fora, tendes que ver!

Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos àquela hostilidade viva da luz que invadira o quarto num jacto repentino e brutal. Pela abertura larga da camisa assomava-lhes o peito que eles afagavam numa última carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo sentados! O mais novito ainda tentou deitar-se outra vez, pesaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem! onde os sonhos eram tão lindos!...

Mas a mãe não tardava ali. Era preciso vestirem-se, que remédio! Foi então que o Manuel, mais esperto do sono, olhando para o campo o achou encantador, todo resplandecente de verduras.

– Bonita manhã, não vês? As árvores parecem mais lindas, repara. Porque será?

O outro encolheu os ombros, não sabia; só se fosse por não haver nuvens...

Pela janela aberta, avistava-se um trecho de paisagem que a luz viva da manhã fazia muito nítida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares húmidos das baixas. Revestidos de folhagem, ascendiam ares fora os olmos gigantescos. Pedaços de horta estavam em toda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas a cuja sombra regalam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio que nessa manhã deslizava muito sereno, esverdeado de águas, espelhante sob aquele céu imaculado.

– Ah! ah!... riu-se o Manuel, contemplando-o. – O rio! Que te parece?! Olha que é lindo, o rio! Ora é, ó António?!

– É, lá isso... Mas tamém de que vale? – tornou-lhe com desalento o irmão. – A gente não pode lá ir... Olha se a mãe o soubesse, han? – E mirando por sua vez a paisagem, perguntou: – Já reparaste no barco, ó Manuel?

– Tão bonito!

Os dois riram.

– Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara!

– Pudera!... – explicou o Manuel – ...amarrado com uma corda... – E depois radiante, gesticulando para o irmão: – Mas eu era capaz de o desamarrar...

– Ai eras! – disse duvidoso o António, para o incitar.

Calaram-se. Era bom podê-lo desamarrar, lá isso era! Ambos dentro dele, sozinhos, isso é que seria bom! E eles então que estavam mortos por ir às azenhas, e pelo rio era um instante enquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar de barco! E aquele então era lindo, como não tinham ainda visto outro. Nunca lhes haviam esquecido – olhem lá não esquecessem! – aquelas tardes em que o fidalgo os levara lá dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava.

O Manuel foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito à janela. Passava naquele instante um bando de andorinhas, chilreando.

– Está um dia lindo, avia-te.

– Olha «avia-te»! para quê?. – perguntou o António torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Manuel sorriu-se, triste. – Era verdade... Aviarem-se para quê? A mãe não os deixava ir ao rio... E se não, que fossem! – «Mato-vos com pancada se desceis a ladeira». – Já se vê que depois disto... – E os dois suspiravam, desgostosos. «Que pena serem pequenos»!

Nisto o António chegou-se também para a janela. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se desfitavam do barco, fascinados. Demónio de tentação! E para mais tinham-no pintado de novo: sobre o branco, a todo o comprimento, uma faixa azul--clara destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nível da água!

– Tate, ó Manuel! E se nós fugíssemos?

– Ora! se fugíssemos!.... E depois? A gente tínhamos de voltar...

Ora ai está! isso é que era o pior! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha prometido. E arregalando muito os olhos, imitando a cólera da mãe: – «Se voltais ao rio...» Ai, ai, a triste sorte!

Recaíram em silêncio. Ficaram-se por instantes a ver o sol que rompia ao nascente, numa explosão violenta de luz, acendendo coloridos na largura muito ampla da paisagem.

– Mas palavra que o barco parece pintado de novo... – relembrou com alegria o Manuel.

– Mas é que está, palavra que está! Agora é que havia de ser bom andar dentro dele!...

Os dois riram-se muito àquela ideia encantadora de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho! e porque não? Por isso, cobrando ânimo, o António disse resoluto:

– Olha agora o medo! Seguro que nos mata! – E puxando-o pela jaqueta: – Vamos lá, ó Manuel?!

O Manuel fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

– À tardinha, hem? dois pulos e estamos lá. Não é tão fácil dar pela nossa falta, ali à tardinha. A gente finge que vai para o adro. Levam-se os piões…

– Há-de ser mesmo assim! à tardinha! – concordou o António. – Eh! eh! eu cá desatraco.

– E eu remo, – disse logo o Manuel com gesto de quem remava.

– Ao leme vou eu: o leme é aquilo que regula – explicou.

– Pois sim, mas à vinda pertence-me a mim, remas tu. Se queres assim...

– Pois está bem, quero! Assim mesmo é que há-de ser!

E recapitulando, para melhor ficarem combinados:

– Ao p'ra baixo remo eu, ora remo?

– Remas.

– E tu regulas, ora regulas?

– Regulo.

– Ao p'ra cima é às avessas, ora é?

– É.

Muito bem, «basta palavra»! E ambos ao mesmo tempo, um ao outro se impuseram segredo...

– Schiu!...

– Schiu!...

*

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penachos de nuvens alvejavam, imóveis.

Acesas naquela explosão rubra do ocaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e oiro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima e vagamente melancólica entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

...E a tarde ia descendo, cada vez mais límpida.

Naquela luz indecisa de crepúsculo que mansamente se ia acentuando, os montes do sul tomavam um torvo aspecto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando ao de leve todos os cambiantes de luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio confrangedor dominava a

natureza toda, recolhida num como espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obrigam a retina a exagerar as formas às coisas...

Muda de gorjeios, atravessando o espaço em voos muito rápidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava. Caíam já pesadas sobre os vales as sombras das montanhas, e um fumozito subtilmente azulado nadava à flor das coisas, velando-as para o tranquilo sono em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslizava mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampejar. Dentro dele, os dois irmãozitos silenciosos iam-se deixando enlevar naquele ruído suave dos remos abrindo fendas nas águas... Não! era bem certo que eles não tinham jamais sentido uma tão poderosa e viva alegria – alegria doida que lhes trasvazava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios em sorrisos.

Dentro daquele adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse, livres de admoestações alheias, sozinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada, fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo eles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam jamais?... No entanto a noite acentuava-se. Espertava nas margens o marulho da água nas raízes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno cintilavam as estrelas em cardumes.

– Remas, António? – perguntava o do leme. – Olha se a vês... – E apontava para Vésper, a estrela que mais brilhava.

Tinham os dois concebido o estranho desejo de alcançar a estrela cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!...

– Anda-me tu com o leme! – tornou-lhe com intimativa o Manuel. – Ai a estrelinha! Deixa que ela faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adiante, só por isso...

– Olha o milagre! Ela está queda! – fez o outro, convencido da facilidade da empresa.

– Está queda, está queda, mas sempre na frente de nós! Vai lá entendê-la. Olha como brilha, ó António!

– Mas rema, que eu cá vou; falta pouco. Ao direito daquela fraga é que ela está.

Não era difícil passar-lhe adiante, qual era? Em menos de meia hora era certo alcançá-la.

E engastada no azul escuro do céu, a estrela parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.

– De que são feitas as estrelas? – perguntou o mais novito.

– De prata. Pois está visto!

Então o outro, lançando um amplo olhar à vastidão infinita do céu, exclamou:

– Eh! tanta prata!

– O sol, esse é d'oiro! – disse ainda o Manuel.

– Bem de ver! – volveu-lhe convencido o irmão. – Que eu, se me dessem à escolha, antes queria as estrelas! Olha que rebanho!

– Pois eu antes queria o sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande!

E enquanto falavam, os dois não desfitavam os olhos da estrela feiticeira que perseguiam. Os remos, no entanto, iam abrindo fenda na água, com certo ruído muito doce... E lá no alto céu, dir-se-ia que de instante para instante a feiticeira estrela mais brilhava, incitando-os.

– Vê-la a fazer assim? – e pôs-se a pestanejar, imitando a palpitação crebra e irregular da luz sideral.

– É que tem sono! – respondeu o outro a rir.

– Olha que não! Aquilo é a fazer-nos negaças, tamém to digo!

– Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga... – E apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir: – Eh, *boieira*!

Neste momento, uma estrela cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituais:

Deus te guie bem guiada,

Que no céu foste criada.

– Vês? – disse o Manuel, que era dos dois o mais supersticioso. – Torna a apontar para elas... Eu cá não aponto, que nascem «cravos» nas mãos.

– A ti talharam-te o ar, ó Manuel!

– Diz a mãe! À meia-noite levaram-me à fonte e esparrinharam-me água para cima do corpo! E a água que havia de estar fria! – observou encolhendo os ombros. – Depois, viraram-me para as estrelas e disse então a mãe:

Ar vejo,

Lua vejo,

Estrelas vejo:

O mal do meu corpo

P'r'a trás das costas o despejo.

Riram muito. O Manuel despidinho, coiracho ao colo da mãe, havia de ser engraçado! E então todos de volta, a ver quando se talhava o ar!

– Mas talhou-se! Agora, em paga, uma vez por ano (ao menos uma vez por ano) tenho de olhar pelos ralos do lenço p'r'as cinco chagas, umas estrelas que além estão, e rezar uma ave-maria.

– Sempre, sempre?!

– Até que morra. Depois de morrer, diz que vou morar três dias com três noites dentro de uma.

– Ora! – tornou-lhe incrédulo o irmão. – Tu não cabias lá!

– Não sei! Assim é que anda nos livros!

...Mas os braços doíam já dos remos, doíam muito...

Devia ser tarde, e eles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrela.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silêncio contínuo dominava tudo em volta. E amolentadora e múrmura, a água da corrente ia espumando na quilha, com certo ruído cada vez mais doce.

…Mas os braços já doíam mais!...

Agora, no céu, havia muitas estrelas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquela, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para ela, pois que irresistivelmente a cabeça lhes pendia para o peito, e as pálpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço.

…E os braços sempre a doerem!..

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levíssimo ruído. Imobilizara-se também o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do súbito desleixo do outro.

…E os braços já não doíam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava agora à mercê da corrente, sem impulso algum estranho. Dentro dele, a música levíssima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Senão quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande alucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:

– Manuel! Ó Manuel!

O remador acordou, sobressaltado.

– A estrela? Ainda lá está, olha! – disse incoerente, estonteado pelo sono.

– Uma fraga de cada lado! Ouves o rio?! É já muito tarde! – continuou aflito o António.

– Então não lhe passamos adiante? – perguntou ingenuamente o Manuel, referindo-se ainda à estrela.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsamente, procurando chamá-lo à realidade, de novo lhe gritou, com lágrimas na voz:

– Manuel, acorda! Olha que estamos perdidos, Manuel!

E, mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam num choro muito violento, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto que a hora e o lugar aumentavam angustiosamente. Parecia-lhes medonho aquele marulhar contínuo da corrente, afligia-os como se fosse o salmodiar monótono e rouco de uma legião de espíritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos os rochedos informes das margens afiguravam-se-lhes negros gigantes, que num requinte de malvada indiferença houvessem jurado assistir impassíveis e mudos à escura tragédia da sua desgraça.

E o barco sempre encalhado, não havia forças que o arrancassem dali. Tinham perdido os remos. Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus gritos de aflição!

Transe crudelíssimo!

E então os braços continuavam a doer; doía-lhes agora o corpo todo, ao mesmo tempo que uma tristeza cada vez mais pesada lhes oprimia o espírito, parece que embrutecendo-os.

– Mas a estrela sempre além... – notou ainda o Manuel, balbuciante de medo, como se quisesse increpar a própria estrela da sua indiferença criminosa, no meio daquele enorme infortúnio em que por causa dela se haviam precipitado. – Se ela pudesse acudir-nos!

Até que por fim, prostrados de fadiga e das lágrimas, de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas, na sua fúria constante, a corrente, que ali era muito forte, não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que, após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as águas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com ele, violentamente. Quando a água se precipitou para dentro, os dois pequenos assim de súbito acordados romperam em gritos lancinantes:

– Ai quem acode! Ai Jesus, quem nos vale! Acudam! Acudam!

Tinha surgido a manhã, serena, tranquila, cheia de gorjeios e de azul. Mas como ninguém acudisse e a luta no rio fosse desigual, num repelão mais violento o pobre barco esfacelado investiu de proa com o abismo e lá se sumiu para sempre! Feridos de morte, no último paroxismo da sua enorme dor desesperada, os dois irmãozitos abraçados sumiram-se também com ele!...

*

...Nesse mesmo instante... – e mais longe do que nunca – ...a estrela feiticeira acabava de cerrar também a pálpebra luminosa!...

In *COELHO, Trindade.* Os meus amores: *Contos e baladas,Lisboa, Portugália, s/ d, pp. 121-133.*